

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**

Henrique Maciel Leão

**Coletivos, práticas e autonomia:
o jovem fazendo escola e a escola se fazendo processo**

**Porto Alegre
2018**

Henrique Maciel Leão

**Coletivos, práticas e autonomia:
o jovem fazendo escola e a escola se fazendo processo**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Raizer

Porto Alegre

2018

Ficha catalográfica

Agradecimentos

Primeiramente, partimos do clichê mais importante de todos, agradecer aos meus pais, por sempre enfatizarem a importância dos estudos, fazendo com que hoje, eu passe isso para meus alunos. Foram o suporte mais importante, para essa grande jornada que foi a graduação. Também gostaria de agradecer aos meus amigos, que ajudaram a tornar mais agradável essa passagem. Tanto com meus amigos que já trazia da vida, quanto aqueles que fiz graças a universidade.

Cada experiência que vivi, foi singular. Hoje percebo a minha evolução, enquanto acadêmico. O mesmo jovem que entrou, não é o mesmo que está saindo. Cada pessoa que conheci, de professores a alunos do estágio, de colegas a funcionários, cada um me ajudou a me repensar, enquanto indivíduo e sobre como posso retribuir todo esse investimento que foi apostado em mim, graças a Universidade Pública.

Espero que essa minha conquista, seja de exemplo para que muitos outros jovens, que são desacreditados por serem negros, de origem simples e periférica. Entender que a universidade pública tem que abrir suas portas e se tornar cada vez mais diversificada. Realmente se tornar pública. Seja com ou sem cotas, devemos lutar por uma universidade que acolha todas as etnias, todos os gêneros e classes sociais. E que para além do acesso, pense na permanência de cada estudante, principalmente, aqueles que carecem mais de políticas de assistência, para poderem concluir seus estudos.

Agradecer também a oportunidade que tive, concomitantemente, à minha vivência de campo, que foram as ocupações das escolas estaduais, nas quais estive como apoiador e vivente das escolas da Restinga. Onde, pude vivenciar e aprender com os ocupantes, sobre como é a realidade de uma escola na periferia, e quais as demandas apontadas pelos alunos. E ver, que não apontavam só desafios, como também mostraram saídas e encaminharam soluções.

Que eu possa levar todo o conhecimento adquirido na universidade, para a escola, afim de cada vez mais qualificar nossas escolas. Não levando de forma vertical, mas que os conhecimentos acadêmicos, junto com os saberes de cada estudante, possam se traduzir em novos saberes. E que esses saberes cada vez mais,

levem nossas escolas para frente. E esse texto também possa contribuir, para que novos saberes sejam produzidos. Assim como diz a música, “*Cosmic Jesus*”, da banda Forfun “[...] *ninguém é dono da verdade, mas pode ter sua posse. Ciente da verdade, eu faço o que posso*”.

E esse trecho da música, resume meu sentimento sobre este trabalho. E agradecer aos estudantes do IFRS Restinga, que me acolheram e me ensinaram muito. Uma troca de saberes, na qual, acredito que eu fui o mais beneficiado. Pois consegui perceber no dia-dia em sala de aula, que ela transcende os 50 minutos de um período e a relação professor/aluno, é uma relação de trocas de papéis diários.

Para concluir, só agradeço a oportunidade de poder partilhar minhas experiências e poder ajudar a repensar a escola. Que seja pertinente para os colegas, um pouco dessa reflexão que foi produzida com muito trabalho.

Resumo

Este texto busca refletir sobre quais estratégias os estudantes para enfrentar o conservadorismo escolar. Uma dessas estratégias é a formação de coletivos, nos quais podem aparecer de diversas formas: grupos de teatro, música, times esportivos, coletivos feministas, grupos de estudos, entre outros. Esses coletivos têm papel fundamental na manutenção da vida escolar. Pois, são eles que acabam trazendo de forma organizada, as demandas e críticas à escola, por parte dos jovens. Esse trabalho foi organizado de forma a discutir, a partir de teóricos focados em temas envolvendo organizações juvenis e a minha experiência em campo, durante meu ano de estágio no IFRS, campus Restinga. Lá na escola, descobri o Coletivo Autônomo de Sociologia (CAS), no qual foi criado por estudantes do primeiro ano, para poderem discutir temas, que não cabem no tempo normal de aula. Dessa forma, ampliando o debate, pois abria espaço para colegas de outras turmas e professores participarem. Toda a metodologia criada, parte dos próprios jovens, onde acabam demonstrando total protagonismo sobre o espaço. O CAS em seu primeiro ano, consegue apontar alguns pontos positivos sobre sua experiência, dentro deles: autonomia, capacidade de questionar e problematizar, criação inovação e acolhida. Para concluir, podemos questionar o porquê de discutir a importância dos coletivos autônomos, e para responder isso, vamos responder com dois principais pontos: acolhida e protagonismo. A capacidade de interação de diferentes jovens, causa uma solidariedade orgânica na estruturação escolar, onde os jovens acabam se organizando para colocar tensões no que chamamos de conservadorismo escolar. Dessa forma, tornando-se protagonistas da escola.

Palavras-chaves: Conservadorismo. Escola. Protagonismo. Coletivos. Autonomia.

Abstract

This text seeks to reflect on what strategies the students face in school conservatism. One of these strategies is the formation of collectives, in which they can appear in different forms: theater groups, music, sports teams, feminist groups, study groups, among others. These collectives play a fundamental role in maintaining school life. For it is they who end up bringing the demands and criticisms of the school in an organized way on the part of the young people. This work was organized to discuss, from theorists focused on topics involving youth organizations and my experience in the field, during my internship year at the IFRS, Restinga campus. Back at school, I discovered the Autonomous Collective of Sociology (ACS), which was created by first-year students to discuss topics that do not fit into normal classroom time. In that way, broadening the debate, because it opened space for colleagues from other classes and teachers to participate. All the methodology created, part of the young people themselves, where they end up demonstrating total protagonism about space. The CAS in its first year, can point out some positive points about their experience, within them: autonomy, ability to question and problematize, creation innovation and acceptance. To conclude, we can question why discuss the importance of autonomous collectives, and to answer this, we will answer with two main points: acceptance and protagonism. The interaction capacity of different young people causes an organic solidarity in the school structure, where young people organize themselves to put tensions in what we call school conservatism. In this way, becoming protagonists of the school.

Key-words: Conservatism. School. Protagonism. Collective. Autonomy.

Sumário

1	Introdução	9
1.1	Problema de pesquisa	11
1.2	Objetivos	12
1.3	Metodologia	12
2	Abordagem Teórica	14
2.1	O que entendemos por coletivo autônomo	14
3	Contextualizando	18
4	Desenvolvimento	21
5	Conclusão	28
	Referências	30
	Apêndice A – Questionário de Estágio	32

1 Introdução

A escola se esforça muito para mudar. Vivemos tempos de muitos avanços, tanto na questão de metodologia de ensino, quanto no sentido tecnológico. Entretanto, a condição da escola ainda é de conservadorismo, no sentido de dominação. Os jovens de hoje não são tão passivos quanto os das gerações passadas. E quais as estratégias que eles buscam para enfrentar esse conservadorismo social e pedagógico?

Tendo como base a experiência do Coletivo Autônomo de Sociologia (CAS), percebemos que espaços coletivos de aprendizado, para além da sala de aula convencional, são potencializadores na formação dos alunos. Embora existam diversas experiências em outras disciplinas, como grupos de astronomia, robótica, clubes de leitura, grupos de teatro, times de futebol, entre outros, esses coletivos criam um despertar sobre as diversas áreas do conhecimento humano. Ajudam os alunos a criarem uma facilidade maior com atividades diversas e os preparam para a vida além da escola, onde é necessário saber trabalhar com o outro, com o diferente.

Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas. Por isso é que o pensar certo, ao lado sempre da pureza e necessariamente distante do puritanismo, rigorosamente ético e gerador de boniteza, me parece inconciliável com a desvergonha da arrogância de quem se acha cheia ou cheio de si mesmo. (FREIRE, 1996, p. 14).

Entretanto, quando falamos de autonomia, falamos de um maior protagonismo por parte do aluno, mas fica o questionamento: qual o papel do educador nesse processo de formação do aluno? Autonomia não significa abandonar os estudantes na sua jornada, mas sim, estar preparado cada vez mais para auxiliá-los a fazer uma caminhada mais rica e comprometida. Tendo isso como base, esse trabalho problematizou as práticas autônomas dentro da disciplina de Sociologia, buscando evidenciar se elas caminham na direção das Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) com destaque para os princípios do “estranhamento e da desnaturalização”, e a possibilidade de sua prática no cotidiano da sala de aula.

Paulo Freire já advertia na *Pedagogia da Autonomia* que a autonomia faz com que o educador tenha que se tornar mais rigoroso e exigente consigo e com o educando, pois autonomia tem como base o uso da pesquisa como elemento

essencial. Dentro do CAS, um ponto da metodologia de trabalho, é que cada aluno seja responsável por conduzir um encontro, incluindo: a escolha do tema, a preparação de um texto inicial que sirva de fundamento para a discussão e pensar as dinâmicas que serão realizadas. Isso requer um mínimo de pesquisa, para que o encontro não seja apenas um grupo de discussão baseada no “achismo”.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 32).

Espaços como esses acabam suprimindo um papel importante que deveria ser de responsabilidade da escola. Ser um espaço de acolhida, um espaço de experimentação social. Espaços que muitas vezes são abdicados, para dar conta de um currículo denso. E a escola promovendo a emancipação do estudante, como potencial de ressignificação. Para Petroni e Souza (2010, p. 3), emancipar-se é uma estratégia de confronto ao conservadorismo escolar:

Emancipar-se, nessa perspectiva, significa opor-se à opressão, tornar-se crítico da realidade na qual se insere, implicando-se com seu contexto, agindo com responsabilidade, refletindo sobre as próprias ações e buscando renovações. Nesse sentido, emancipar-se implica ser autônomo.

Ao longo do trabalho, buscaremos perceber quais estratégias se constituem dentro dos coletivos, para que a autonomia dos estudantes apareça, contando com experiências de participação escolar e como eles se comportam sobre as estruturas escolares pré-existentes.

Esse trabalho foi desenvolvido a partir da minha experiência ao longo de um ano inserido na escola e convivendo com o grupo, buscando também fazer uma comparação com uma bibliografia abrangente sobre grupos de jovens e suas interações com as escolas, ligas universitárias e coletivos escolares (feministas, grupos de teatro, grupos de estudos, entre outros). Com esse apanhado de experiências atrelado à teoria, buscamos refletir e sinalizar os pontos de tensões que ajudam a identificar quais são as mudanças positivas, ou não, dentro da esfera escolar. Em resumo, como esses coletivos combatem o conservadorismo escolar.

O texto está estruturado em quatro partes, buscamos refletir, a partir de referenciais teóricos, o que entendemos por **coletivos, autonomia e protagonismo**. Num segundo momento, buscou compreender o espaço onde o CAS está inserido, contextualizando trajetórias, território, instituição e quem são os sujeitos envolvidos. O terceiro momento, discute os impactos do coletivo nos sujeitos participantes de coletivos, fazendo *links* com experiências observadas nas ocupações das escolas, pelos secundaristas, nos anos de 2015/2016, no Brasil. Por fim, conclui com uma análise profunda sobre a experiência presenciada no CAS e sua importância educacional.

1.1 Problema de pesquisa

A pergunta que guiou o trabalho foi “Quais as alternativas que os estudantes possuem para se tornarem protagonistas e enfrentar o conservadorismo escolar?”. Problematizar o papel de dominador e conservador da instituição de educação. Como uma escola que se coloca inovadora, ainda mantém esse papel?

Para isso, tentaremos traçar o perfil do público atendido pela instituição: como é essa relação com a escola e qual o êxito escolar? Qual o percentual de evasão escolar? Como a instituição acompanha essa evasão e qual o seu empenho para enfrentá-lo?

O problema da evasão, um dos produtos desse conservadorismo, pode estar relacionado ao tipo de sistema de acesso. Zibenberg (2016, p. 56) aponta alguns problemas no tipo sistema de acesso, que acaba se repercutindo em toda a trajetória:

Aqui cabe problematizar que o processo de acesso ao campus já se dá de forma duplamente seletiva. Em primeiro lugar porque o ingresso ocorre mediante a realização de uma prova classificatória e eliminatória pela qual ingressam os candidatos que conseguem o melhor desempenho neste instrumento avaliativo. Embora haja o sistema de reserva de vagas, são chamados os candidatos melhores classificados dentro de cada cota específica, assim a tônica da meritocracia perpassa o ingresso de todos os candidatos. Em segundo lugar porque a relação usual entre as famílias de periferia e o Estado, no que diz ao acesso à educação pública, não se dá no mesmo formato encontrado no Campus Restinga. O processo de ingresso em uma escola pública da rede municipal ou estadual não se dá, na grande maioria dos casos, via realização de prova classificatória e eliminatória. Nesse sentido, a barreira social existente na apropriação deste novo formato de ingresso já acaba selecionando uma parte das pessoas que teriam interesse em estudar no campus.

Estabelecer uma lógica de meritocracia, dentro do ambiente escolar, acaba criando pressões mentais que modificam o *habitus* desses sujeitos, por muitas vezes deslocando esses mesmos sujeitos para uma mecanicidade de aprendizado. Contrapartida, eles buscam um ponto de fuga, e como esse ponto de fuga ajuda a modificar a escola? E assim, possibilitando entendermos de que forma os coletivos se apresentam como essa alternativa para se fortalecer ao longo de sua jornada escolar.

1.2 Objetivos

O objetivo geral desse trabalho foi analisar qual o papel da escola no processo de acolhimento e permanência dos estudantes, ao longo de sua jornada escolar e entender quais os seus desdobramentos nos desempenhos dentro de sala de aula.

A partir desse primeiro panorama, então busca desvendar quais são as estratégias que esses jovens constroem para se manter na escola. Estando na escola, essas estratégias acabam modificando o ambiente escolar de que forma?

Assim como Bourdieu reflete no seu texto *Escola conservadora*, quando os temas propostos não fazem parte do cotidiano dos alunos, a falta de capital cultural ajuda no afastamento e no sentimento de deficiência de saber dentro da escola e ajuda o aumento da desigualdade social. A escola não pode ser um espaço de distinção, mas sim um espaço de acolhimento. A partir dos temas geradores, propostos por Freire (1987), trazemos não só uma temática, mas sim a relação aluno-matéria, ou a relação dialética de prática-teoria na qual se encontra o desafio diário da sala de aula.

1.3 Metodologia

A estratégia metodológica do trabalho está baseada em revisão bibliográfica e relato de experiência.

A partir da revisão bibliográfica pautada no campo da educação e sociologia da juventude, buscamos criar uma análise sobre o processo de educação não formal, mas pertencentes do universo escolar.

Para isso, o trabalho se dará em três etapas:

- a) revisão bibliográfica sobre educação, coletivos e experiências próximas aos coletivos autônomos;
- b) relato, análise e hipóteses acerca da minha experiência como frequentador do IFRS Restinga, primeiro como estagiário da disciplina de Sociologia e depois como membro do CAS;
- c) conclusões.

O relato é base para a discussão, onde buscamos saber qual a importância que o CAS teve na formação dos alunos que participam, ajudando no entendimento de teorias e conceitos abordados nas aulas de Sociologia. Como os professores que participaram, ou não, percebem na produção e no senso críticos dos dois grupos de alunos. Traçar pontos comparativos para se analisar como esse tipo de prática pedagógica afeta na qualidade do ensino de sociologia e se está alinhado às orientações curriculares de “estranhar e desnaturalizar”.

Um processo importante que se constituiu antes e durante da pesquisa foi o reconhecimento dos sujeitos. Qual o contexto social que esses indivíduos estão inseridos? De acordo com Dayrell (2007), temos que perceber a nova condição da juventude “O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico muito diferente das gerações anteriores.” E como a escola está preparada para essa bagagem social trazida para o âmbito escolar.

2 Abordagem Teórica

Autores como Bourdieu, Carrano e Dayrell, ajudam a traçarmos alguns pontos importantes para compreender a escola contemporânea e seus desafios com os jovens do século XXI. Um dos conceitos importantes que precisamos compreender é o conceito de juventude, pois são os sujeitos mais importantes no processo escolar.

Juventude pode ser entendida como parte de um processo de construção de sujeito, que é difícil de idealizar, pois é diferente em cada indivíduo. Para Dayrell (2003) “[...] todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona”. Dessa forma, conseguimos distinguir os jovens por indicadores sociais que demarcam também a relação íntima que a escola terá. Partindo dessa compreensão, trataremos de “juventudes” no plural, demarcando que existe mais de uma expressão de juventude.

Cada juventude, é reflexo de um grupo social, na qual tem um peso de capitais dentro da socialização, tanto entre colegas quanto na relação “professor-aluno”. Como o professor administra esses contatos?

Uma primeira constatação é a existência de uma nova condição juvenil no Brasil. O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores. (DAYRELL, 2003, p. 3)

A escola ainda tem uma concepção de aluno gestada na sociedade moderna. Parafrazeando Dubet, separa-se escola de sociedade, desconecta-se uma da outra, se vê a escola como um espaço responsável por passar valores universais e normas de socialização aos jovens, enquanto visa torná-lo autônomo e livre para interagir na sociedade.

2.1 O que entendemos por coletivo autônomo

Os coletivos autônomos escolares têm um formato muito próximo as ligas universitárias. Entendemos “coletivos autônomos” como grupos de estudantes organizados e autogestionados para auxílio de atividades extraclasse, ou atividades de estudos para matérias específicas. Coletivos, organizados pelos próprios estudantes, para suprir uma carência por parte da escola de assuntos que são pertinentes, interessantes aos estudantes ou complementares ao currículo.

Entendemos que os coletivos têm algumas características fundamentais:

- a) formação;
- b) motivação política de mudança e de representatividade no espaço escolar;
- c) integração e acolhida dos estudantes para os estudantes;
- d) segurança para cada estudante possa sentir-se aberto a expor suas opiniões.

O uso do nome/conceito “coletivo autônomo”, parte não de um conceito teórico, mas sim autodenominação que o CAS criou para se descrever. Entretanto, podemos expandir esse conceito para compreender outros grupos com as mesmas características, como por exemplo, coletivos feministas, grupos de teatro, bandas escolares, times de futebol.

Além disso, vale ressaltar que por serem autônomos, não significa que são exclusivos de estudantes. A figura do professor aqui não tem um peso hierárquico, mas sim a uma figura que se equivale como a de qualquer outro participante do coletivo. A horizontalidade possibilita que o diálogo seja a ferramenta mais importante para a construção de qualquer relação ou produto ali dentro.

Por exemplo, o CAS foi registrado dentro do IF Restinga como um projeto de extensão, porém, não existe uma cobrança de projetos e atividades do professor para os estudantes. O papel do professor nesse espaço é de encaminhar as demandas que surgem no grupo e de dar suporte para que o grupo ganhe visibilidade. A produção de artigos, oficinas, intervenções, materiais didáticos saem como deliberações do grupo, e que o professor, por ser ponte da escola e estudantes, tem o papel de responsabilizar-se na orientação dos trâmites burocráticos e pedagógicos.

Nessa perspectiva, a influência da participação de atores nas decisões de empresas e/ou nas decisões sociais e políticas não implica, necessariamente, uma ruptura nas estruturas de poder, mas, sim, a possibilidade de construção de mecanismos que distribuem o poder. De qualquer forma, os limites entre a participação efetiva de atores nesses mecanismos – capazes de influenciar e alterar concretamente as decisões em favor da coletividade – e a manipulação por parte daqueles que detêm o poder, utilizando-se dos mesmos mecanismos, são frágeis. (MARTINS, 2002, p. 211).

Mesmo sendo um espaço institucional, o Coletivo foi idealizado, e criado, a partir da demanda dos estudantes do primeiro ano do ensino médio, onde, diante de

uma necessidade de um espaço mais amplo para discutir assuntos que tangem a vida de um adolescente e que não poderiam diluir-se em cinquenta minutos de aula, criou-se então o Coletivo Autônomo de Sociologia. Seu primeiro encontro não teve mais que 10 participantes, contando alunos e professores. Sua metodologia foi pensada coletivamente. Ela segue uma rotatividade de responsáveis para pensar e conduzir os encontros. Os responsáveis são escolhidos por sorteio e o tema é pré-divulgado por e-mail. O e-mail continha textos, notícias, ou músicas que podiam ser utilizados como base para o tema. O encontro começava sempre com uma pequena introdução da(s) pessoa(s) responsável e depois abria-se para manifestações, perguntas e intervenções. O encontro acontecia ao meio dia, para contemplar os estudantes de ambos turnos.

Essa organização não foi imposta em nenhum momento, foi organicamente se moldando a partir de como cada estudante enxergava o coletivo. Essa preocupação em debater e fazer uma escola mais inclusiva aos diversos saberes aproxima-se das experiências dentro das ocupações secundaristas, vividas no Brasil durante o ano de 2016. Mesmo essas ocupações partindo de uma metodologia organizacional, utilizada no Movimento Sem Terra (MST), de grupos de trabalho - divisão de membros responsáveis por tarefas específicas dentro do movimento, como segurança, alimentação, divulgação, entre outros - o que surgia de produto construído em reuniões, não eram apenas divisões de tarefas, mas sim um estudo coletivo, pautado principalmente da preocupação de uma ajuda mútua de aprendizado.

Pensando o universo escolar, a autonomia é exigida intensamente dos estudantes, porém, o espaço dentro de sala de aula nem sempre é positivo para se criar essa autonomia. Quando vemos iniciativas como essas, muitas vezes a escola, ou o professor não sabe como se portar.

Não devemos temer que movimentos desse porte se arranjem. A escola vive em um campo de obstáculos que faz com ela não consiga pegar o embalo dessas ondas, acabando, muitas vezes, dificultando. A tensão criada por coletivos autônomos deve ser trabalhada como uma oportunidade de progresso. O conservadorismo escolar aparece nas mais diversas escolas, até mesmo naquelas que se dizem progressistas e possuem modelos alternativos de educação. Assim como no Instituto Federal, que busca fortalecer a educação, atrelando o ensino técnico e científico ao currículo básico, a formação de professores, acaba fazendo com que caiamos em

modelos de escola já não suficientes para esses estudantes. Uma escola não atraente para eles. Uma escola com muito conteúdo, porém pouca educação.

Entretanto, não é apenas cortando disciplinas e colocando elas no currículo como eletivas, e ao mesmo tempo não investindo em educação e colocando profissionais qualificados para ofertar essas disciplinas e outras que partem da necessidade de cada escola. Estamos vivendo um momento na história de nosso país, onde se está trabalhando com a educação de forma mais repugnante possível. Corta-se disciplinas como obrigatórias, coloca elas como optativas, porém sem verba, professores, estrutura para ofertar para as escolas mais carentes. Dessa forma sucateando cada vez mais a escola. Devemos dar direito ao estudante de escolher o que quer fazer, sem ele ter que correr por fora da escola. A escola deve ser o espaço de fortalecimento desse cidadão, não o seu jazigo intelectual.

Contextualizando

O campus Restinga, é um dos 17 campis da rede de Institutos Federais do Rio Grande do Sul, tendo sua reitoria localizada em Bento Gonçalves. O Campus Restinga foi contemplado pela chamada Pública 01/2007 SETEC-MEC, que inaugurou o Plano de Expansão da Rede Federal Fase II, cujo objetivo era implantar 150 novas unidades em todo o país até o final de 2010. Esta conquista constituiu uma grande vitória para o município de Porto Alegre e, principalmente, para o bairro Restinga, garantindo o fortalecimento de políticas públicas para a educação e para a inclusão social¹.

Implementado em 26 de junho de 2010, data que marca o início das atividades, hoje conta com 15 cursos nos níveis Técnicos Subsequente/Integrado e Tecnólogo. Atualmente conta com os seguintes cursos:

- a) TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO:
 - Eletrônica,
 - Informática para Internet,
 - Lazer;
- b) TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO - MODALIDADE PROEJA:
 - Agroecologia,
 - Comércio,
 - Recursos Humanos (substituído pelo Técnico em Comércio);
- c) TÉCNICO SUBSEQUENTE:
 - Administração,
 - Guia de Turismo;
- d) TÉCNICO CONCOMITANTE:
 - Redes de Computadores;
- e) SUPERIOR:
 - Licenciatura em Letras - Português/Espanhol,
 - Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas,
 - Tecnologia em Eletrônica Industrial,
 - Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer,

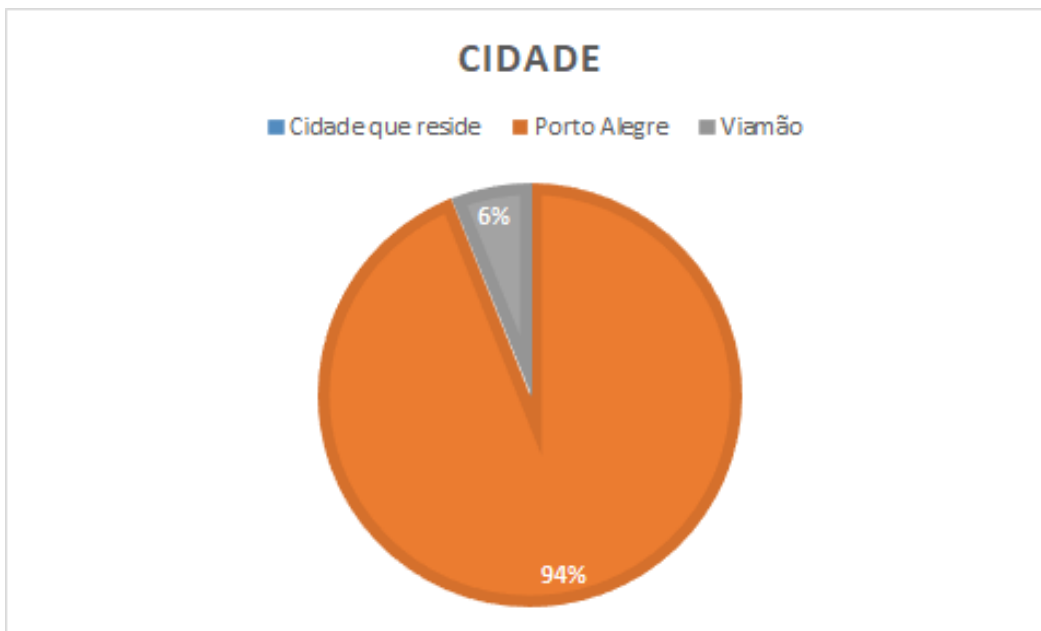
¹ Informações retiradas diretamente do site da instituição. Disponível em: <<http://www.restinga.ifrs.edu.br/site/conteudo.php?cat=41>>

- Tecnologia em Processos Gerenciais (2018/2).

O Campus Restinga vem crescendo muito, desde sua implementação. O número de pessoas procurando uma melhor qualificação é grande. Isso se reflete em uma maior qualificação de profissionais oriundos de uma periferia.

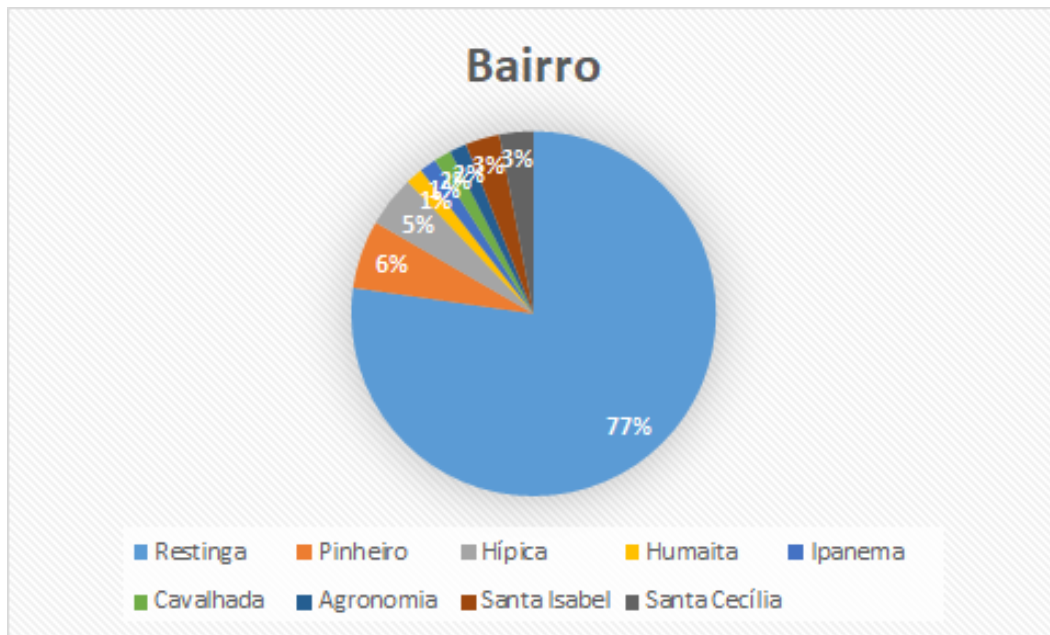
Entretanto, o corpo discente da instituição não é exclusivo de moradores da Restinga. Em um pequeno levantamento durante meu estágio, apliquei um questionário, no qual buscava reconhecer o perfil de cada turma. Nesse levantamento, uma das questões era localidade, onde identificava-se a cidade e o bairro que residiam. Num total de 66 questionários respondidos, percebe-se que 6% não residem na cidade de Porto Alegre, e destes 94% que residem na capital e 77% são moradores do bairro Restinga.

Gráfico 1 - Distribuição de moradia dos estudantes por cidade



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 2 - Distribuição da residência dos estudantes por bairro



Fonte: elaborado pelo autor.

4 Desenvolvimento

Partimos do pressuposto de como o estudante percebe-se no âmbito escolar. Como ele se percebe e interage com a escola? Compreendendo esses primeiros questionamentos, podemos começar a pensar o jovem como sujeito e não objeto do meio escolar. A escola apresenta-se como um espaço dado e não construído pelo jovem estudante. A inserção desse indivíduo acaba sendo muitas vezes uma crise, pois em primeira instância, o espaço não é refletido como acolhedor e atrativo.

Então, como fazer para que a escola seja atrativa e acolhedora? Podemos começar com uma simples ideia: trabalhar com o estudante! Primeiro ambiente onde o contato com o processo democrático é posto em prática. O ambiente onde é construído junto, para um bem coletivo. Coloca em crise o espírito individualista que é permeado na infância e reforçado ao longo de nossas vidas, via mídia, redes sociais, família, entre outros espaços de reprodução social.

O jovem é reflexo do tempo e local onde está inserido, quando o vemos como um problema, estamos jogando o peso de nossas defasagens, como sociedade, para esses estudantes². Como isso se reflete na escola? Quando não os ouvimos, para pensar em nossos planejamentos, nossos Projetos Políticos Pedagógicos, ou até simples eventos que não partem de um acolhimento e abertura de espaço para ele contribuir no processo.

Devemos trabalhar sempre com a dialética do conteúdo programático x demanda do estudante, para que assim possamos achar o processo didático e necessário para trazer o jovem como protagonista dessa escola.

E onde o CAS se encaixa nesse processo todo? A experiência adquirida por esse coletivo, possibilitou em um primeiro momento, uma tensão de pertencimento e utilidade para as aulas de Sociologia. Potencializando com espaço novo, para ampliar debates e acrescentar problemáticas que não cabem em cinquenta minutos de sala de aula. Criar um lugar onde diversos estudantes de turmas e anos diferentes, possam se encontrar, tendo a mediação de professores e abrindo espaços para protagonizarem caminhos de seu próprio conhecimento.

² Reflexão feita pelo professor Márcio Amaral na palestra “Formação sobre juventudes”.

Os coletivos têm um papel importante, no qual a escola tem uma certa dificuldade. O acolhimento de alunos para com outros alunos, ajuda a criar uma solidariedade fundante de coletivo. Criar laços de forma tão orgânica, possibilita uma nova relação jovem x escola. Ajuda no reconhecimento de um espaço positivo para se estar.

Um segundo ponto, é a capacidade de promover a **autonomia** nos estudos. Autonomia em dois sentidos, na busca de temas geradores e na produção de encontros com suporte teórico. Lembrando sempre que autonomia não significa desolado, mas sim que o professor confia e trabalha como suporte, dando espaço para o estudante agir. Ser protagonista. Ser responsável. Ser tudo aquilo que um professor espera de seus alunos.

Terceiro ponto é a capacidade de **questionar e problematizar**. Partindo da ideia que esses estudantes pensarão em atividades novas, o primeiro passo para isso é questionar o que já está pronto. Ponderar o que já funciona e pensar novas alternativas para se chegar no outro estudante. Chegando num indivíduo que está num mesmo espaço de poder.

Quarto ponto é o potencial de **criação e inovação**. Já citada nos pontos a cima, a inovação aparece quase de forma natural, num processo onde todos os fatores acabam sendo trabalhados de forma sincrônica. Ao questionar bases antigas, deve adaptar-se ao novo e reformular o que já está dado. Isso em diversas áreas como em iniciação científica, arte, música, teatro, esportes, entre outros.

Lembramos que a escola já estava construída antes desse jovem inserir-se em sua dinâmica. A inserção desse corpo estranho em um novo ambiente, causa de forma natural, um processo de adaptação dos fatores. O indivíduo busca adaptar-se ao ambiente, concomitantemente, o ambiente adapta-se ao indivíduo. O produto dessa interação pode ser positivo, ou negativo, de acordo como ambas partes relacionarão um com o outro. Se o ambiente tratar o jovem como uma peça na qual deve se adaptar e moldar ao que já está pronto, o conflito entre ambas partes, causará um desconforto e uma crise de pertencimento. As forças coercitivas que a escola exerce sobre o estudante, são absorvidas de formas violentas, quase como uma domesticação. De outro lado, continuando com a analogia à biologia, quando esses dois corpos trabalham de forma mútua, algo novo aparece. Algo mais forte e nutritivo para todos.

Essa relação dúbia é relatada como não existente na maioria dos casos, o estudante enxerga a escola como algo muito distante, e muitas vezes inexistente ao contato. Quando o estudante é chamado para participar de decisões envolvidas com a escola? Esses espaços aparecem eventualmente em lugares que não são de tensionamento sobre estruturas, mas sim, eventos como festas escolares, apresentações artísticas, nunca um evento de planejamento circunstancial, ou algo do gênero. Isso faz com que retornemos o olhar para 2016, onde a preocupação dos estudantes sobre as novas políticas de educação (Medida Provisória nº 746, de 2016 e a PEC 55/2016³), traçadas de forma extremamente verticalizada, fez com que as escolas em todo o país fossem ocupadas e resignificadas.

A breve gestão dos alunos sobre a escola, fez pensar como é falha nossa falta de inclusão dos estudantes nas tomadas de organização e gestão do ambiente. Pensamos em fazer para eles, sem pensar em incluí-los no processo. Esse movimento conseguiu evidenciar como um modelo conservador que acaba se sobressaindo sobre até mesmo aqueles professores que seguem um perfil progressista. Não foi à toa que as primeiras atividades pensadas nas diversas escolas ocupas, seguiam três eixos: *arte/cultura, rodas de conversa sobre política e aulas focadas para ENEM⁴/Vestibulares*. Todas as atividades tinham a proposta de unir o que eles entendiam que deveria ter na escola, disciplinas e materiais propostas em um currículo base, e ao mesmo tempo atividades que partem da realidade local de cada escola. As atividades sempre pensadas para acolher.

Pensando nisso, a UBES⁵ e outras organizações vinculadas aos secundaristas, organizaram cartilhas com propostas de como e o que fazer caso se ocupe uma escola. O que deve ter, com quem deve se manter contato, segue abaixo os tópicos retirados da cartilha:

1. Organize Assembleias. As principais decisões devem ser discutidas e tomadas durante a assembleia, esse é um espaço onde todos os estudantes de maneira conjunta irão avaliar a situação em que se encontram e pensar em alternativas.
2. Mantenha uma comunicação interna. É fundamental que todas as decisões sejam levadas para o coletivo dos estudantes, inclusive aos que não estavam presentes nas assembleias. É importante que exista um grupo responsável por fazer as informações circularem dentro da ocupação, realizando informativos e cartazes, por exemplo.

³ Oficializada como Emenda Constitucional Nº95 e publicada no Diário Oficial da União de 16/12/2016

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio

⁵ União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

3. Realize atividades dentro da ocupação. Podem e devem ser organizadas atividades culturais e debates como forma de fortalecer a ocupação. Essas ações contribuem para a ampliação do debate com a comunidade.
4. Alimentação. É necessário que um grupo de pessoas se responsabilize por garantir a alimentação do grupo. Para isso é preciso avaliar as possibilidades existentes dentro da sua escola. Algumas direções têm interditado o acesso às cozinhas e aos mantimentos. Nestes casos, façam listas e peçam doações.
5. Segurança: A comissão de segurança deve ser a primeira a se organizar, pois precisa garantir a integridade do patrimônio da escola, evitando futuros problemas jurídicos. Também é responsável pelo controle de entrada e saída das pessoas. É importante que os estudantes tenham sempre em mãos documentos de identificação. Qualquer ação por parte da justiça ou da polícia militar só pode ser feita com a presença do Conselho Tutelar.
6. Limpeza: É fundamental que todos assumam coletivamente a tarefa de preservar pela limpeza dos espaços dentro das escolas. Nossa luta é em defesa das escolas, precisamos dar o exemplo!
7. Meios de comunicação: Sabemos que a mídia tradicional é seletiva com as notícias e acabam por distorcer informações sobre a ocupação. Por isso é necessário que durante a assembleia definam-se um grupo de pessoas responsável por tirar fotos e gravar vídeos. As informações podem e devem ser encaminhadas para a página da UBES!
Apoio: Busquem apoio de pais, professores, coletivos e da comunidade no geral. O apoio jurídico de advogados também é importante. (UBES, 2016)

Esses mecanismos de organização, interiorizam aquela ideia já trazida aqui, mas essencial para esse debate, o pertencimento à escola. A escola sendo do estudante. Sendo um espaço onde ela desempenha o papel de educar e não de prender, ou obrigar o jovem a ficar. Isso evidencia que o jovem quer a escola, porém, não essa que está no caminho.

Um questionamento pertinente que fica para nós, professores, “O que faremos depois que as escolas forem desocupadas?” Os estudantes que agora voltam para a escola, ocupantes ou não, clamam por mudanças. E vemos como essas mudanças, por parte do Estado, acabam sendo contrárias ao que era pedido. Pois não há diálogo, as mudanças partem de cima para baixo. Com medidas que afetam a educação de forma bruta: congelando investimentos da área da educação por 20 anos; construindo um currículo base onde não dialoga com as demandas contemporâneas, e dando espaço para um conservadorismo raso, onde exclui palavras e suprime debates democráticos. E o que nós professores fazemos? Como nos portamos frente a tudo isso?

Como nós professores, a partir dessas vozes que ecoaram pelo país, com um pedido de ajuda, atendemos essa demanda que se fez presente em nossas faces?

A resposta pode ser complicada de vir agora, porém, muitas pistas aparecem na escola. E como estamos debatendo ao logo do texto, vale lembrar algumas dessas expressões. Quando grupos de jovens se reúnem para formar uma banda escolar, preocupada em como mostrar sua arte, e dos demais colegas, isso é uma das estratégias dele dizer que algo não está certo. Jovens mostrando a disposição de organizar eventos, mostras de talentos, festas e intervenções culturais, ele está sendo protagonista de sua escola. Quando um grupo de estudantes, insatisfeitas com o assédio sexual, começa um grupo de debate, entre meninas, formando, ou não, coletivos feministas, essas meninas estão também sendo protagonistas de sua educação. Quando times de futebol, vôlei, basquete são criados, numa escola que muitas vezes não tem estrutura física, eles estão se tornando protagonistas. Pois, esses jovens, vão questionar o porquê de a escola nunca ter parado para pensar nessas suas demandas.

Neste ponto, a experiência do CAS ajuda a criarmos alguns caminhos possíveis. Quando o coletivo surgiu, também em meados de 2016, com essa explosão de participação dos estudantes com o espaço escolar, partimos de uma realidade um pouco diferente, para começar é uma escola com uma infraestrutura de invejar. O Instituto Federal tem professores de qualificados, salas de aulas bem equipadas, recursos⁶ e material. Entretanto, a reprodução de modelos antigos de educação ainda pairava como um espectro nos professores. Aquilo que Bourdieu evidenciava no livro *A Reprodução*, publicado em 1970. Por mais que quiséssemos fazer diferente, algumas estruturas acabam fazendo com que nós professores, acabássemos caindo no jogo da educação bancária. Não dando espaço em sala de aula, muitas vezes, para que as demandas dos jovens aparecessem. Dessa forma, surgiu o Coletivo Autônomo de Sociologia, onde seu primeiro objetivo era oportunizar um espaço maior para debater assuntos que não cabiam nos cinquenta minutos de sala de aula.

Nos encontros dos quais pude participar, ao longo da minha estada na instituição, fizeram-me ver como um grupo dentro da escola, ajuda o jovem a estabelecer relações de amizade, como se apoiam nos estudos e no dia-a-dia da escola. Essas amizades, criadas a partir de um interesse em comum, que é a busca por respostas de anseios que não são atendidos em sala de aula. Sejam perguntas

⁶ Até o momento de experiência. Ano seguinte, é divulgado corte de verbas em toda a rede Federal, impactando em mais de R\$ 5,5 milhões para manutenção e investimentos. (CANOFRE, 2017)

que não acham pertinente fazerem no meio de uma aula, ou até troca de experiências. E o esforço do grupo em crescer, impede que se criem barreiras, aquelas que a adolescência cria, para com seus iguais. Cria-se, desse modo, uma oportunidade tanto do aluno aprender com ele e os colegas, quanto do professor se apoderar das novas demandas e repensar sua prática. Segundo os próprios estudantes, participantes do CAS, em uma avaliação parcial sobre seu primeiro ano de projeto, a valorização das relações afetivas foram pontos positivos para os mesmos se identificarem com a escola. A relação de amizade, ponto de impulso.

Em uma avaliação parcial, na qual cada participante foi convidado a produzir um texto intitulado “O CAS aos meus olhos”, percebeu-se o impacto que o projeto vem causando. Há a aprendizagem de alguns princípios das Ciências Sociais, como a desnaturalização e o relativismo, presente na afirmação de um estudante: “Ouvir o que cada um achava e as histórias que eles contavam sobre esses temas me fez ver que todo assunto tem mais de um lado”. Também há relatos sobre o autoconhecimento propiciado pela experiência coletiva: “Descobri fatos sobre minha pessoa que estavam lá dentro, e talvez, sem a ajuda do CAS nunca teria desencadeado-os”. Por fim, também valoriza-se as trocas e a amizade: ‘É incrível para mim o jeito como o CAS tem crescido cada vez mais e mais a cada encontro, e acho incrível o modo como todos ali se sentem à vontade para conversar e falar sobre qualquer coisa com todos. Pra mim ele não é só um grupo, é uma família que está crescendo a cada semana’. (AGUIAR et al., 2016)

O CAS acabou participando e protagonizando uma ocupação na escola, em 2016, em solidariedade às diversas outras ocupações. Isso provando que o senso de coletividade criado, busca não só uma preocupação individual e momentânea, mas sim uma solidariedade e responsabilidade com o patrimônio, ensino e oportunidade para estudantes futuros. Essas hipóteses comprovam-se no artigo produzido pelo próprio CAS, sobre suas experiências:

O grupo começou com poucos membros, mas logo foi aumentando, e o grupinho pequeno se tornou algo grande com vários alunos de cursos, turmas e idades diferentes, temos até outros professores participando. [...] Eu já escolhi dois temas para debate, aborto e *bullying*, e ouvir o que cada um achava e as histórias que eles contavam sobre esses temas me fez ver que todo assunto tem mais de um lado. (Gabriel, 1º ano do Ensino Médio Integrado)

O CAS é um grupo criado com a maravilhosa ideia de desconstruir conceitos, porém sem julgamentos exacerbados. Botamos na mesa todas as nossas ideias, crenças e conceitos para que assim saibamos o que ocorre na nossa sociedade, nas nossas cabeças e o porquê. (Lindsay, 2º ano do Ensino Médio Integrado) (SCHWEIG; CUZCO, 2017, p. 140)

Tanto Aguiar, quanto Schweig e Cuzco, a experiência do CAS comprova o espaço de mudança subjetiva sobre os estudantes. A mudança concreta da escola, acaba passando por

essas mudanças de visão, que cada indivíduo (professor ou estudante) sofre ao passar pelo grupo.

5 Conclusão

Dentre todos os indicativos que buscamos analisar, neste trabalho, creio que o mais claro é a capacidade de participação em debates das aulas. O CAS conseguiu oportunizar uma proatividade nos educandos, ao discutirmos assuntos pertinentes ao campo da Sociologia, atrelados a uma profunda base argumentativa.

A metodologia desenvolvida pelos próprios alunos, fez com que, através de uma solidariedade construída no coletivo, a busca pelos temas, o desenvolvimento de cada encontro, a dinâmica de responsabilidade e eficiência de cada debate, ajudasse os estudantes a criar um espírito de estudos muito próprio. Esses membros acabaram se tornando multiplicadores desse espírito, ao convidarem outros colegas para os encontros, em suas intervenções nas aulas, em suas participações em eventos da própria instituição e em apresentações sobre atividades produzidas no CAS, em eventos de pesquisa, ensino e extensão.

O CAS não reivindica autonomia para os estudantes, isso é um processo no qual deve ser natural dentro da sala de aula, mas o que vemos é o contrário. O que o CAS reivindica é o PROTAGONISMO desses estudantes na sua formação. Papel que o professor toma aqui é de estimulador desse processo.

O coletivo é um modelo de turma, no qual devemos nos voltar. Os próprios membros do CAS dizem:

Não são em todos os momentos e espaços da escola (ou fora dela) que temos a possibilidade de constituir grupos. Trinta alunos de uma turma, que passam mais de cinco horas por dia reunidos em uma sala de aula, não necessariamente formam um grupo. Formação de grupo requer tempo e cuidado, demanda um processo de construção de vínculos entre os participantes, a criação de uma teia de identificações que se cruzam e tornam o grupo um espaço próprio, com uma identidade e um propósito construído por seus membros – e não recebido de fora. (SCHWEIG; CUZCO, 2017, p. 141)

Questionam sobre como é difícil estabelecer uma troca de aprendizado, numa turma tradicional, como quando comparada ao CAS.

A solidariedade construída no coletivo, auxilia no acolhimento dos estudantes, pelos estudantes. Além, de que, constrói um suporte para que demandas escolares, sejam levantadas e tenham força para que essas propostas consigam ser ouvidas. Assim como cria um espírito de organização e de argumentação sustentável.

O coletivo pode, em si, não mudar estruturas, dentro de uma escola. Porém, oportuniza que visões e olhares consigam tornar-se mais críticos, ao compartilharem vivências entre os colegas. Abre-se oportunidade de vivências democráticas e autônomoas em aprendizado.

Referências

- AGUIAR, Renata Behrens de et al. Coletivo Autônomo de Sociologia: Pensamento Crítico, Autonomia e Amizade. **6ª Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa do Campus Osório**, Osório, set. 2016. Disponível em: <<https://moexp.osorio.ifrs.edu.br/anais/detalhe/1107>>. Acesso em: 10 maio 2018.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, p.25-40, jun. 2011.
- BRASIL. Ministério Do Planejamento, Desenvolvimento E Gestão. **Portaria nº 28, de 16 de fevereiro de 2017**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.lex.com.br/legis_27307393_PORTARIA_N_28_DE_16_DE_FEVEREIRO_DE_2017.aspx>. Acesso em: 01/06/2018
- CANOFRE, Fernanda. Cortes e contingenciamento no orçamento colocam Institutos Federais em estado de alerta. **Sul21**, Porto Alegre, 01 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2017/07/cortes-e-contingenciamento-no-orcamento-colocam-institutos-federais-em-estado-de-alerta/>>. Acesso em: 01/06/2018
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexão em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em: 10 maio 2018.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte**, v. 24, 2003.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização do jovem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan. /jun. 2002
- DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LEÃO, Geraldo. DAYRELL, Juarez Tarcísio. REIS, Juliana Batistas dos. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 31, n. 84, p. 253-273, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 02 maio 2018.
- LIGA UNIVERSITÁRIA contribui para a formação profissional de estudantes: Programa Incubação de Ligas incentiva criação de grupos em todo o Brasil. **G1**, São Paulo, 05 de maio 2014. Globo universidade. Disponível em:

<<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2014/05/liga-universitaria-contribui-para-formacao-profissional-de-estudantes.html>>. Acesso em: 02/05/2018

MARTINS, Angela Maria. Autonomia e Educação: A trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**, n 115, p. 207-232, mar. 2002.

BOURDIEU, Pierre. Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 40-64.

PETRONI, Ana Paula; SOUZA, Vera Lucia Trevisan. As relações na escola e a construção da autonomia: um estudo da perspectiva da psicologia. **Psicologia & Sociedade**; v. 22, n. 2, p. 355-364, 2010.

SAIBA como ocupar a sua escola: Confira um manual que a UBES preparou de como ocupar a sua instituição contra a reorganização escolar em SP. **UBES**, 19 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://ubes.org.br/2015/saiba-como-ocupar-a-sua-escola/>>. Acesso em: 10/05/2018

SCHWEIG, Grazielle Ramos; CUZCO, Freddy. O Coletivo Autônomo de Sociologia do Campus Restinga do IFRS. **Viver Ifrs**: Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS, Bento Gonçalves, v. 5, n. 5, p.138-142, nov. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS/article/view/2621/17071>>. Acesso em: 10 maio 2018.

SPOSITO, Marília Pontes. CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 24, dez. 2003.

ZIBENBERG, Igor Ghelman Sordi. **Permanência e êxito na passagem pelo ensino médio integrado**: implicações do capital cultural. 2016. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/151262>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Apêndice A – Questionário de Estágio

Questionário Turma:		
Idade:	Bairro:	Cidade:
Ano de ingresso no IF Restinga:		
Qual escola você estudou no Ensino Fundamental? _____ _____		
Que tipo de música você escuta? _____ _____ _____ _____		
Qual seu filme preferido? Por quê? _____ _____ _____		
Quais seus planos para depois da escola? (Faculdade, trabalho, viagem, vida social...) _____ _____ _____		
Qual seu maior sonho? _____ _____ _____		
Cite 3 aspectos importantes do ensino de sociologia para você: _____ _____ _____		
Como seria uma aula ideal para você? _____ _____ _____		